

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

ISABELA BARRETTO MARTINS

**DECADÊNCIA E LAÇO FALHO:
O DESEJO E A TENTATIVA DE MORTE COMO POTÊNCIA DE VIDA**

**UBERLÂNDIA - MG
JULHO 2018**

ISABELA BARRETTO MARTINS

**DECADÊNCIA E LAÇO FALHO:
O DESEJO E A TENTATIVA DE MORTE COMO POTÊNCIA DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais, habilitação em bacharelado, do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Orientadora: Me. Marcia Franco dos Santos Silva.

UBERLÂNDIA - MG
JULHO 2018

Agradecimentos

Pulsa a necessidade de agradecer a quatro grupos especialmente importantes para a concretização desse trabalho:

À minha família, que mesmo tão longe proporcionou as condições necessárias para que eu conseguisse viver e estudar morando em outra cidade, e teve paciência perante as adversidades que enfrentei e que enfrentaram nesta jornada.

À minha orientadora que não só me guiou por caminhos lindos e afetuosos, mas também proporcionou encontros com pessoas incríveis que me reconstruíram como ser. Foi grande incentivadora e amiga durante esta empreitada.

As minhas amigas e amigos que, em algum nível e momento, adensaram a mistura da minha vida. Pelas alegrias trazidas nos dias difíceis, ou pelos debates necessários sobre o tudo e sobre o nada.

A meu companheiro pelo amor, escuta, empatia, paciência e segurança que me trouxe desde o início dessa caminhada em equipe. Pela energia calma que me contaminou e me fez crescer.

RESUMO

Trago no presente trabalho as performances arte intituladas *Laço Falho* e *DeCadência*, e os atravessamentos que evocam essa criação. Apresento reflexões sobre o suicídio e a chance de pensar no tema como uma indagação sobre a vida e sua potência. Levanto as relações que alimentam a criação desse trabalho em fragmentos, inserindo os apoiadores e assessores, teóricos ou não, agenciamentos que promoveram reflexões, ações e reorganizações. Trago contos de histórias íntimas e pessoais, texto de diário e poema. Aponto as possibilidades da performance como ação de reconfigurar o corpo e a vida.

Palavras chave: performance, suicídio, fragmento, arte –vida, reconfiguração.

SUMÁRIO

Introdução	07
Fragmento I O problema verdadeiramente sério	10
Fragmento II Efeito Eleonora	12
II.I Programas são iniciativas.....	13
Fragmento III A corda e a janela.....	15
Fragmento IV Dos encontros.....	17
IV. I Com a força.....	17
IV.II Com as mulheres	17
IV.III Com o Asfalto	18
Conclusão	23
Bibliografia.....	26
Anexo 1: Fragmentos do diário	27

é precisa a vida inteira para aprender
a viver e – o que talvez vos surpreenda mais –
é precisa a vida inteira para aprender a morrer

SÉNECA apud SERRA, 2008, p.13

Introdução

Voltar à casa dos meus pais em um momento tão conturbado, me sentindo frágil e incompetente em não ter forças para lidar com todos aqueles conflitos era a única opção que eu tinha. Contudo, mesmo ali me sentia sozinha, como antes. Experimentava naquele momento o sabor da solidão emocional, do fracasso, da dependência, o sabor de ver tudo desaparecer como nuvem de poeira e não poder agir sobre minha própria vida, vida de merda. A desesperança movediça me dominava principalmente nos finais de tarde e durante a noite daqueles dias de estadia. Lembro de estar só, do silêncio e de fechar a porta. Direcionei-me a janela telada do meu antigo quarto no 11º andar. A sensação de um buraco tão grande e profundo que iniciava no topo da minha cabeça e fazia ecoar um vazio tenebroso dentro do peito e do estômago. Lembro, depois de me sentir deslocada no mundo durante todos aqueles dias, do meu corpo posto frente àquela moldura de luz, das mãos no parapeito e uma apatia. Não me reconhecia mais. Frente à janela com o corpo frio, estremecido e desvigorado, a mente quase que como desligada do presente e atada a cada memória de dor, vergonha, sofrimento e mágoa. O horizonte que meu olhar costumava buscar e se deleitava graças à grande altitude desse prédio não parecia fazer nenhum sentido e nem trazia amparo ou satisfação, dessa vez meus olhos buscavam curiosos e ansiosos a vista para baixo. Com uma leve pressão da testa na tela de segurança da janela busquei tentar dimensionar a distância até o chão, lá em baixo no térreo. Meu corpo cada vez mais frio, meus batimentos cada vez mais inaudíveis a mim, e uma energia quase que elétrica correndo por cada poro da minha pele, cada fibra dos meus músculos, completamente aprisionada, intensa a ponto de me explodir e ao mesmo tempo capaz de me atordoar e me manter imóvel como que plantada ao chão, como pedra pesada.

Uma guerra que já me mantinha cansada há muitos dias chegava a um dos embates mais intensos. Na batalha interna frente aquela paisagem aérea lutavam duas forças: o desejo e o medo. O desejo ardente do fim imediato para toda aquela dor insuportável, o pressentimento de que aquilo soava estranhamente bem, fazia sentido e acalmava a mente frenética. O medo da decisão de morrer, da dor, de ser considerada uma covarde perante a vida. O medo vence e me segura como quem segura um animal agitado. A vergonha desse momento íntimo e obscuro seguiu comigo. Caminharam comigo durante dias a identidade de covarde, covarde demais para um abraço atravessado entre eu e a amiga janela, e o desejo de

aniquilar aquele sofrimento, encontrou caverna e se recolheu dentro do peito. Segue o viver... e o sofrer.

Escrever reconfigura a experiência. A produção deste Trabalho de Conclusão de Curso é uma oportunidade de fazer acontecerem articulações entre tantos fragmentos espalhados e presentes na produção de duas performances¹, *Laço Falho* e *DeCadência*, e dentro dessa costura feita com afeto e carinho envolver aliados que com suas palavras, pensamentos, poesias, obras e conceitos me acolheram e encorajaram a essa escrita e essa potência criadora.

A ideia de fragmento que me vem por Rosane Preciosa parece generosa comigo e com o trabalho. Como ela pontua o fragmento pode trazer o desconforto ao leitor por um sentimento de possível falta de clareza ou completude, mas por outro lado “Nele, prevalece o entusiasmo pelos agregados de sentido que vão despontando pela urgência mesmo de existirem” (PRECIOSA, 2010, p.11).

A dificuldade que permeia a escrita desse trabalho, de alguma forma, coabita com a luz cintilante da possibilidade de escrevê-lo. Moram aqui agora os relatos do pensamento e da tentativa de suicídio com o nascimento de outra pessoa e de trabalhos em performance. Iniciar falando sobre o desejo suicida surge de aspectos pessoais que alimentaram a produção artística e fizeram que tudo se transformasse.

A morte é presente em várias situações durante a vida, na morte de um parente, na morte televisionada nos jornais, a morte de algum ídolo que admiramos, e em alguns momentos, o desconforto de se pensar a própria morte. Culturalmente não somos estimulados a nos dedicar a essa reflexão, a esse futuro de todos e qualquer um, a certeza inevitável que ora se mostra totalmente banalizada, ora totalmente imprópria para ser assunto do cotidiano. E a tal morte vai continuar implacavelmente acontecendo, assim como a vida, a questão é que esse pensamento da própria morte e, em algum momento da vida de algumas pessoas, do desejo suicida acontece, aconteceu comigo, e vai continuar acontecendo.

Dentro do meio universitário e do curso de Artes Visuais as vivências do âmbito pessoal e o estudo da arte me atravessaram concomitantemente, e entre esses anos de atravessamento houve um momento em que o peso foi denso, opressivo, e eu me desequilibrei de maneira brusca. O problema desta pesquisa se engendra nesses lugares, dentro desse

¹ Aqui é importante salientar que defini seguir durante todo o texto o uso do termo **performace** e não **arte da performance** ou **performance arte** para seguir compatível a terminologia usada por uma das referências bases do trabalho que é Eleonora Fabião.

espaço e tempo encontros aconteceram e me reconfiguraram. Que caminhos na construção do trabalho reconfiguram a experiência suicida? O processo criativo ajuda a entender o suicídio como força e potência de vida? Onde se encontram os apoiadores e os assessores da criatividade e como cada um deles compõe o processo artístico, alimentando sua potência?

Fragmento I – O problema verdadeiramente sério

O quão importante seria um olhar mais atento, compreensivo em relação ao suicídio? Dentro do campo filosófico Albert Camus, em *Mito de Sísifo*, coloca que o problema do suicídio seria o único “problema filosófico verdadeiramente sério” (apud SERRA, 2008, p.9). Joaquim Mateus Paulo Serra (2008) se debruça sobre o suicídio na filosofia e apresenta o filósofo Sêneca², de quem elejo algumas visões para colaborar com o desdobramento do trabalho. O filósofo defende que o suicídio seria um ato legítimo e que proporcionaria muitas vezes um final digno (SERRA, 2008, p.10). Passando rapidamente pela ideia da “concepção estética da moralidade” e de que ética seria uma “arte” (BAYER apud SERRA, 2008, p.10)³ Serra discorre sobre a ideia de Sêneca de construir a vida como uma “obra de arte”, e que o sujeito deveria meditar sobre a vida. Seria preciso que o sujeito agisse como “um permanente administrador de si próprio, mais do que um juiz do seu próprio passado”. (FOUCAULT apud SERRA, 2018, p.12). A vida vista como uma obra de arte, o que daria a obra como acabada seria a morte, segundo Serra (2008, p.12).

Sêneca também traz a importância sobre a “meditação sobre a morte”, sobre o suicídio, e como nesse ato se medita também sobre a vida. “Indo ainda mais longe, a Carta 70 considera mesmo que “nenhuma meditação é tão imprescindível como a meditação da morte”, devendo concentrar-nos nela em vez de nos prendermos/distrairmos “com assuntos que, afinal, talvez sejam supérfluos.” (SERRA, 2008, p.13). Dentro da perspectiva de Sêneca, o que me convoca sobretudo são algumas de suas linhas fundamentais, entre as quais Serra destaca:

I) A morte é um processo intrínseco a própria vida, de tal forma que viver é sempre, ao mesmo tempo, morrer. Como diz Sêneca de forma metafórica, “não é a última gota que esvazia a clepsidra, mas toda a água que anteriormente foi escorrendo”.

(...)

V) Viver bem, com qualidade e dignidade, é mais importante do que viver muito sem qualidade e dignidade. Por isso mesmo, diz Sêneca, “o sábio prolongará a sua vida enquanto dever, e não enquanto puder”. (SERRA, 2008, p.13)

² Lucius Annaeus Sêneca (4 a.C. - 65) foi um filósofo, escritor, mestre da retórica e estadista romano. Foi o principal representante romano do estoicismo.

³ As ideias de concepção estética da moralidade e da ética como arte são elaboradas por Sêneca a partir de Bayer, ideias que nesse trabalho não cabe aprofundar.

Essa visão de Serra se aproxima de muitas questões do trabalho, pois existe a tentativa do não julgamento do suicida e a possibilidade de se pensar a morte como reflexo da vida. Criar essa reflexão traz abertura de novos modos de ser.

Por isso mesmo Sêneca condena os que condenam o suicídio, na medida em que acabam por recusar, ao homem, essa mesma liberdade. [...] E àqueles que, para recusarem o suicídio, opõem a morte “artificial” à “morte natural”, contrapõe Sêneca que o suicídio não é menos “natural” que esta última, que “ninguém morre senão de morte natural!” (SERRA, 2008, p.15)

Fragmento II – Efeito Eleonora⁴

Performers são poetas que investigam, criam e disseminam precários: a precariedade do sentido (que deixa de ser pré-estabelecido e fixado para ser condicional, mutante, performativo), a precariedade do *capital* (cuja supremacia é desbancada e a pobreza exposta), a precariedade do *corpo* (que, longe de ser percebida como deficiência, é utilizada como potência) e a precariedade da *arte* (que se volta para o ato e para o corpo). (FABIÃO, 2011, p.65)

De modo breve, a performance trata-se de uma prática artística que se desenvolve no século XX, após a Segunda Guerra Mundial, e aproxima-se de como a conhecemos hoje por volta dos anos 60, entendida como uma prática que não se qualifica exatamente como teatro, dança, pintura, escultura ou outro gênero do campo das artes conhecido até então (FABIÃO, 2011). A origem da performance é uma questão, com inúmeros apontamentos, estudos e formulações, mas o que evoca a importância de se discorrer sobre ela neste trabalho não vem de sua origem mais sim da carga de significação, transformação, fronteirismo e imensidão de possibilidades que ela evoca. No capítulo “Performance e Precariedade”, escrito por Eleonora Fabião em “A Performance Ensaída, Ensaaios sobre performance contemporânea”, a autora expõe interpretações que contemplam esses possíveis da performance e que me promoveram aproximação, interesse e encanto pelo tema. Como exemplo, o curador e teórico Paul Schimmel que traz um paralelo entre performance e artes plásticas dentro da *action painting*⁵ e de trabalhos do *Grupo Gutai*⁶. Nesses trabalhos a interferência e relação do corpo do artista com a obra é ressaltada, mas ainda culmina na produção de uma obra matéria. Já após a Segunda Guerra Mundial, Schimmel aponta uma desmaterialização do objeto de arte, e que a premissa de um extermínio em massa após a guerra teria trazido a consciência de uma

⁴ Eleonora Fabião é performer e teórica da performance. Professora do Curso de Direção Teatral e da Pós Graduação em Artes da Cena na UFRJ, é Doutora em Estudos da Performance (New York University).

⁵ Expressão cunhada em 1952 pelo crítico norte-americano Harold Rosenberg e diz respeito a um estilo de pintura que ascende na década de 1940, nos EUA. Trata-se de uma relação corporal do artista com a pintura, resultado entre o gesto do autor e o material. ACTION Painting. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo350/action-painting>>. Acesso em: 03 de Jun. 2018.

⁶ Grupo fundado em 1954 que concebia manifestações artísticas no período pós-guerra no Japão. Fundado por “Yoshihara [...] integrava Murakami, Moriura, Shiraga. [...] Realizavam um conjunto de pinturas gestuais ligadas ao movimento de Action Painting [...] caracterizavam pela exacerbação e violência do processo de criação, pela radicalização dos meios e dos procedimentos e pela abordagem de inúmeros formatos e expressões, com a grande escala, o multimídia, o teatro e a performance.” *Grupo Gutai* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-07-04 02:47:44]. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$grupo-gutai](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$grupo-gutai)>. Acesso em: 03 de Jun. 2018.

“primazia do ato”, de uma valorização do corpo, da presença, da relação com espectador e com o contexto social e político do artista performer. Evidenciaram-se as práticas que valorizam como matéria elementar o corpo, o tempo e o ato. (FABIÃO, 2011, p.69).

Nas tendências gerais de definição da performance apresentadas por Eleonora Fabião encontro os aspectos que mais me atraem dentro do entendimento da performance: ênfase no corpo como tema, matéria e meio; a desconstrução da representação e a valorização do corpo-experiência; a hibridação de gêneros; o investimento na irrepetibilidade e na irreprodutibilidade; o elogio ao precário⁷, ao passageiro, ao imprevisível; a suspensão do “bom senso” e das certezas do senso comum e o cunho politizado e politizante dessas ações que tiram do automático hábitos culturais com a desnaturalização do corpo, do meio e das relações (2011, p.75).

II.I – Programas são iniciativas

A autora faz referência a um capítulo da obra *Mil Platôs* de Gilles Deleuze e Félix Guattari, *28 de novembro de 1947 – como criar para si um Corpo sem Orgãos*, em que os autores definem o Corpo sem Orgãos (CsO) não como um conceito ou noção, e sim um conjunto de práticas. O CsO é uma busca que nunca acaba de chegar, pois é limite. “É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos o nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.12)”. A ideia valoriza a experiência e experimentação.

Para criar um CsO seria preciso duas etapas, uma para fabricar o CsO e outra para a partir dele fazer circular, passar intensidades. A partir desse pensamento Fabião (2013, p.5) efetua e pensa sobre a elaboração de um programa (idéia também dos pensadores Deleuze e Guattari), para ativar um CsO, e que com ele seria possível a busca pela desconstrução dos hábitos, convenções, padrões, um desfazer-se do seu eu.

⁷ Pensamento desenvolvido por Lygia Clark e empregado por Fabião no desenvolvimento e teorização de performances, e entre muitas reflexões diz respeito à potencialidade do corpo performativo em práticas permanentes e infundáveis de recriação do corpo e dos modos de existência, na capacidade da renovação de si e do meio da arte, na possibilidade de recriar novos encontro e devires. FABIÃO, 2011.

Fabião trabalha com o Programa Performativo e a criação do Corpo-em-experiência, fundamentos propulsores das ações *Laço Falho* e *DeCadência*. De maneira objetiva, o Programa Performativo seria o enunciado da performance, onde se definem o conjunto de ações a serem realizadas pelo artista, organizadas e articuladas de forma clara. O Programa traria ao performer um pertencimento performativo, ativo, não mais passivo ao mundo, e sim de resistência a ele, e assim articularia suas iniciativas performativas para a partir daí mapear, negociar e reinventar o corpo-em-experiência. Com a criação desse corpo-em-experiência é possível alcançar relações, associações, alianças, modos, velocidades, afetos, até então inesperados antes da realização do Programa, e por isso ele é pertinente e fundamental para a composição da performance. Segundo a autora:

Performances são composições atípicas de velocidades e operações afetivas extraordinárias que enfatizam a politicidade corpórea do mundo e das relações. O performer age como complicador, um desorganizador; cria para si um Corpo sem Órgãos ao recusar a organização dita “natural”, organização esta evidentemente cultural, ideológica, política e econômica. [...] Para um performer, “organismo”, “sentido”, e “sujeito” são *atos* – nem algos, nem dados, nem plenos, nem prontos, nem repetíveis, mas atos, atos performativos. (FABIÃO, 2011, p.77)

Citando Deleuze e Guatarri a autora frisa uma regra imanente à experimentação e que foi também reflexão dentro do desenvolvimento dos meus trabalhos em performance, as “injeções de prudência”. Esse seria um alerta para não precipitar-se em uma atitude perigosa e de risco na busca pela estratificação dos estratos, por esses caírem ainda mais pesados sobre nós (FABIÃO, 2011). Doses de prudência são necessárias na experiência, trata-se do risco de suas realizações e da importância de se existir um cuidado de si. Faço uso da prudência dentro das ações realizadas em cada performance não garantindo os limites dos atravessamentos e intensidades, pois disso não se há garantia, mas sim para garantir minha integridade física, vou até o limite do meu corpo e das minhas possibilidades, que em geral estão mais latentes devido ao preparo para cada performance.

Fragmento III – A corda e a janela

Laço falho é a performance desenvolvida em 2017 no decorrer da disciplina Interfaces da Arte no curso de artes visuais, onde a proposta escolhida pela professora Marcia Franco era ênfase no estudo da performance. Foi realizada também na mostra “Feminismos em Performance”⁸, em Agosto do mesmo ano.

Programa performativo *Laço Falho*:

Material: seis metros de corda grossa e tesoura.

Trajar roupa leve, preferencialmente um vestido. Posicionar-se em local amplo, tirar os sapatos, em uma das extremidades da corda forjar um laço de força, medir a corda posicionando-a embaixo dos pés e esticando na altura da cintura, cortar o excedente. Segurar as duas extremidades e pular a corda, incessantemente, durante o tempo que conseguir suportar.

Reverberações corporais: durante essa ação, a continuidade do pulo traz ao corpo uma potencialização e a sensação de liberdade. A falha no pulo compõe como probabilidade e conversa com a falha presente na vivência que evoca a criação da performance (apresento essa vivência na passagem IV. I). A respiração ofegante traz ao corpo o calor e a sensação de vida, por sentir o ar passando pelos pulmões e vias aéreas e os batimentos no peito.

Programa performativo *DeCadência*:

Material: bastão de giz branco ou de carvão (seguindo a especificidade da parede escolhida).

Trajar roupa confortável que seja oposta a cor do material de desenho adotado, colocar-se frente a região escolhida da parede, encostar os braços abertos na parede e dobrá-los em um ângulo de 90° para determinar a área do desenho. Desenhar uma janela e sua paisagem. Pousar o bastão no chão. Permanecer em contemplação da paisagem criada. Iniciar prática respiratória. Se afastar alguns metros do desenho criado ainda o observando, e assim que alcançar o estado desejado da respiração correr e se atirar sobre o desenho, permanecer na prática da corrida e do arremesso até a exaustão.

⁸ Mostra de performance realizada em Agosto de 2017 no Muna – Museu Universitário de Arte, organizado por Juliana Bom-Tempo

Reverberações corporais: o corpo construído para essa ação me coloca em um estado de entrega e disponibilidade a transcendência alcançada pela respiração. Sinto meus sentidos alargados e um tônus corporal mais confiante e agressivo, necessário para o impacto que se executa em seguida. Me cobra especial atenção e concentração para controlar essa respiração, se entregar ao estado alcançado num certo descontrole e retornar com calma para o controle.

DeCadência é uma performance elaborada e executada no primeiro semestre de 2018 na disciplina Performances do Corpo, realizada no curso de dança como matéria optativa, ministrada por Alexandre Molina.

Fragmento IV – Dos encontros

Entre tantos caminhos percorridos durante a vida acadêmica, inúmeros encontros aconteceram e provocaram realinhamentos, muitos deles dentro do âmbito pessoal, e muitos que ajudaram a traçar as linhas para a produção criativa.

IV. I – Com a força

Não pretendo me ater à condição psicológica em que permaneci durante essa época em especial, e nem fazer a tentativa de colocar uma visão clínica, até mesmo porque não fui diagnosticada em momento algum, mas os traços de depressão eram nítidos a mim: auto depreciação, desmotivação, ataque de pânico, angústia, crises de choro e ansiedade, pensamento suicida e etc. O fato é que em 2016 o peso cedeu e me deparei com uma profunda sensação de solidão e desespero, além de não conseguir buscar ajuda adequada. Durante muitos dias ansiei por alguma maneira de cessar aquela tortura psicológica que vivia, até o momento que tentei cometer suicídio por enforcamento na casa onde morei sozinha. A tentativa falha por um erro na sua execução, não consigo tentar novamente. Segue em anexo no trabalho um texto escrito por mim naquela noite e por dentro da madrugada, e nele alguns apontamentos feitos a mão posteriormente, que costuram questões e atravessamentos na construção da pesquisa e dos trabalhos em performance.

VI. II – Com as mulheres

Dentro do histórico e contexto em que estava inserida naquele momento uma categoria especial de encontros gerou uma movimentação e ampliação da minha perspectiva, como pessoa, como artista, como humano, como potência. Essa categoria é indispensável para o desenvolvimento desse trabalho: o encontro com mulheres. Quando escrevo mulheres me refiro a mulheres pontuais nessa trajetória da minha vida pessoal, e devido a elas percebi a importância de um grupo de apoio durante fases complicadas da vida e a importância do afeto. Reconheci nesse grupo um grupo de semelhantes e de semelhanças, semelhança das inquietações, dos anseios, dos medos e da dor. Mulheres que me trouxeram amparo, informação, consciência, confiança, que fomentaram em grande escala a minha retomada de valor, minha existência no mundo e possibilidade de alcançar novos horizontes.

O feminismo que chega a mim nessa coletividade de mulheres, que me empodera e me ajuda a emergir para fora do poço, vem das histórias, das conversas, nas experiências, o feminismo que permeia a vida vivida por mim e por cada uma delas. É também filosofia política e movimento social, mas não me apoiarei em conceitos, denominações e fatos históricos, me apoio na experiência compartilhada, na grandeza desse encontro e nas trocas que aconteceram.

Uma das forças que estimularam o desejo de insistir na temática delicada dessa pesquisa veio muito do compartilhamento das dores dessas mulheres, em alguns casos com a semelhança de tentativa de suicídio, assim como eu. Cada uma a sua maneira, em seu tempo e em seu grau de resiliência se reconstruiu ou se reconstruía após uma vivência traumática ou violenta, e cada uma a sua maneira me contaminou com a urgência de me perceber capaz de reconstrução e de me perceber forte pelo simples fato de existir.

VI. III – Com o Asfalto

Em 2016 recebi um convite despretenso e carinhoso para visitar a reunião de um grupo de pesquisa, que naquele período realizava seus encontros nos fins de tarde no canteiro central da avenida ao lado da entrada da universidade. Nesse primeiro momento não tive chance de comparecer aos encontros, somente mais tarde em 2017 adentrei no meu primeiro grupo de pesquisa, e como nunca pude imaginar, fui atravessada em todos os níveis por esse encontro, essas pessoas, essas filosofias, esses devires, esses corpos, essas intensidades, essa máquina de afetos e desejos. Trata-se do *Grupo Asfalto – texturas entre Arte e Filosofia*, grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Juliana Soares Bom-Tempo, professora do curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e todos seus outros membros flutuantes que em média interam 10 a 12 pessoas.

O grupo realiza pesquisas teórico-práticas que se relacionam com o urbano, repensando o modo de viver, ocupar e perceber a cidade. Faz uso de conceitos de Deleuze e Guattari, e também de meios do universo das artes do corpo, artes visuais e literatura, para mobilizar questões sociais, políticas e corporais. Norteiam as possibilidades de interferência que criam teias, abraços e jogos dentro e com a cidade.

Eu poderia dizer que graças ao Asfalto eu compreendi honestamente conceitos, teorias e formas sobre performance, pois vivi no corpo inúmeros desses possíveis. O pertencimento performativo e ativo ao mundo, articulações e reinvenções do corpo e dos espaços, meu corpo de forma arrebatada se concedeu as possibilidades das experiências trazidas pelo grupo na execução dentro de trabalhos em performance. É fundamental enfatizar o impacto desse encontro, que me **transborda** de **experiências** e **trocas** e de tudo que esse grupo me promoveu para além de nossos encontros semanais e estudos, como oficinas, práticas com proposição de convidados, enfim, grande **influência** para pensar este trabalho de TCC. Um exemplo que alimenta um de meus trabalhos é o workshop “Teatro Selvagem” com o ator e diretor Fransérgio Araújo oferecido pelo Asfalto e que aconteceu em 2017. Entre inúmeras etapas do workshop realizamos algumas práticas respiratórias que nos forneciam estados corporais distintos e interessantes para o desenvolvimento de trabalhos, em *DeCadência* faço uso da respiração denominada como “respiração masculina”, que cria um tônus potente e forte.



Fotografia 1. Grupo Asfalto. *Com-Tensões*. Performance. 2017. Fonte: Joabe Romed

Dentre os muitos trabalhos realizados pelo grupo e em que eu estive presente, trago dois que em alguma medida podem conter traços que habitam um universo próximo às performances apresentadas nesta pesquisa. Um deles é *COM-TENSÕES* de 2017, se deu em

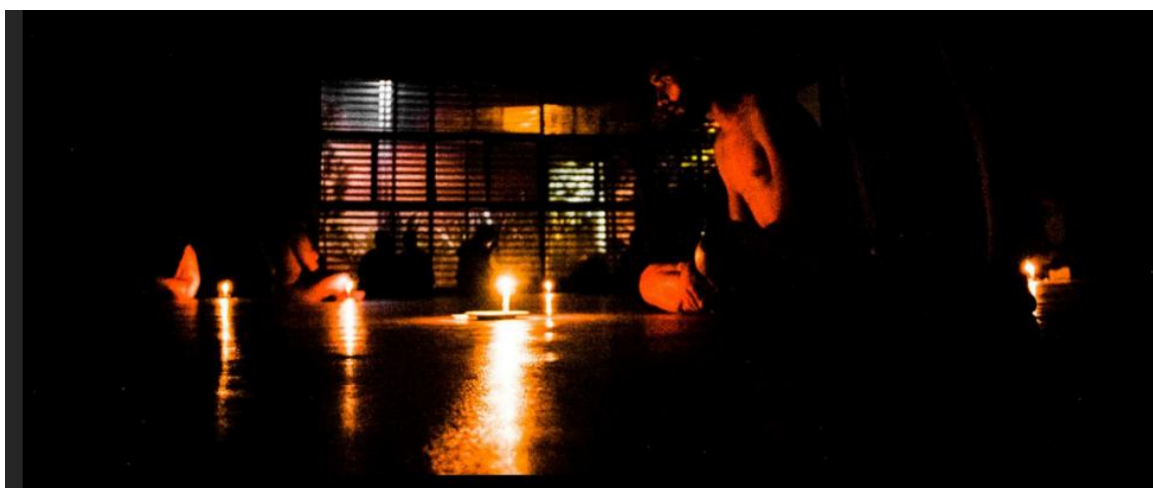
um cenário tenso, onde dentro do Campus Santa Mônica da UFU acontecia a presença dura da polícia, que utilizou abuso de poder em situações pontuais e que provocou inquietação e incômodo nos estudantes. Uma figura feminina central, com roupas formais e uma espécie de máscara que cobria por completo seu rosto, feita com seu próprio cabelo, conduzia 12 guias de coleira, e nas extremidades, homens e mulheres com coleiras no pescoço, trajando calça jeans e camiseta branca. Eram conduzidos por dentro do campus, em um jogo de tencionar essas cordas, e essa força condutora centralizada, e ceder, tencionar, ceder, tencionar, ceder. Os encoleirados direcionavam seu olhar pontualmente ao olhar do público.



Fotografia 2. Grupo Asfalto. *Com-Tensões*. Performance. 2017. Fonte: Joabe Romed.

Uma das preocupações dentro da construção de uma ação no grupo Asfalto é a criação de imagens. O trabalho *Com-Tensões* cria uma imagem de forte impacto e suscita inúmeras questões. Atendo-me a buscar a familiaridade com um de meus trabalhos, *Laço Falho* também traz objetos e signos que ajudam na criação de uma imagem. A corda com o laço da força traz um signo bem reconhecido e quase universal, podendo causar também uma espécie de impacto no espectador. A partir do momento que resignifico a corda de forjar morte para a corda de forjar brincadeira e pulsar vida crio uma realidade atípica, desorganizo certas convenções.

O segundo trabalho intitulado *Buraco Negro* foi apresentado dentro do evento Sala Aberta, organizado pelo curso de dança da UFU em 2017. Essa ação, por suas especificidades, ocorreu em local fechado, uma sala do bloco do curso de dança. Com a iluminação somente obtida por velas que se situavam próximas aos performers que se encontravam espalhados pelo espaço da sala, em plano baixo (sentados), nus, e cada um possuía próximo a si, além da vela, um isqueiro. Produziam movimentos repetitivos e curtos com o corpo e sons que variavam de murmúrios, gemidos até gritos histéricos e risadas. Acontecia simultaneamente a essas movimentações individuais uma movimentação dentro do espaço e uma interação única que consistia em um performer sair de seu “território” apenas para apagar ou acender a vela de outro performer, e fazer o possível para não deixar sua própria vela se apagar.



Fotografia 3. Grupo Asfalto. *Buraco Negro*. Performance. 2017. Fonte: Joabe Romed.

Existe dentro de *Buraco Negro* e *DeCadência* um certo devir catatônico. A reverberação que faz o trabalho do grupo ser gerado parte de questões manicomiais, em particular o Hospital Colônia de Barbacena e sua historia tenebrosa. Baseando-se nesses aspectos, na elaboração do meu trabalho em performance existe também uma história, compartilhada no início desse texto, com certo grau de tenebrosidade pela eminência mesma da morte e da vibração entre desejo e medo. A questão da solidão e abandono passeia também entre esses trabalhos, cada um em seu universo, mas presentes em similar medida.



Fotografia 4. Grupo Asfalto. *Buraco Negro*. Performance. 2017. Fonte: Joabe Romed.

Conclusão

Pensar em conclusão me transporta para uma sensação muito limitadora, de encerramento, finitude, fechamento de ciclo. De fato aqui finalizo meus levantamentos até então alcançados dentro da pesquisa que fomenta as performances que construí ao longo de um ano e compreendo essa finalização da graduação como um ciclo que se encerra, mas enfatizo que **nunca cessará o movimento** trazido por essas propulsões descritas aqui, nem o movimentos criador, nem o movimento trabalhos em performance.

Durante a escrita emergiu também a memória da minha primeira tentativa de escrever o trabalho de conclusão de curso (TCC). No ano de 2016 iniciei o TCC com a orientação do querido Paulo Lima Buenoz, professor do curso de Artes Visuais, que me mobilizou com maestria com a pergunta “o que pede obra?” e com o diário do sensível⁹, despertando meu interesse pelo campo da performance e pelas potencialidades dos atravessamentos sensíveis. Esse é o espaço tempo que trato ao longo do trabalho, época tão conturbada e confusa que não consegui realizar o TCC, me sentia improdutiva e incapaz. Com a chegada dessa memória, encontro entre meus textos a primeira e única tentativa dessa escrita:

Ideia inicial TCC - Tema: O não artista (não me sinto artista)

A Performance se propõe transgressora em seu nascimento e aparece na cena artística com forma de negação do mercado de arte, contestação do discurso sacralizador, valorização da criatividade e da liberdade artística em detrimento da técnica e do virtuosismo. Tendo como importância e atravessamento a ausência da “sensação de artista”, levo a inquietação de um estudante de artes que é posto a provar e a sentir-se artista à realidade desse questionamento íntimo, de construção e desconstrução inerentes à própria vida e a arte.¹⁰

Escrever reconfigura a experiência. Relembrar essa passagem me mostrou que muito do que me inquietava está presente no trabalho atual, mas transmutado, alguns aspectos permaneceram pertinentes, outros se reconfiguraram devido à vida e aos atravessamentos e

⁹ Exercício de escrever em um diário partindo da pergunta “o que te atravessa?”.

¹⁰ Passagem escrita em 2016, arquivo pessoal.

encontros seguintes. Em suma reconheço que a **construção do trabalho reconfigurou** a identidade de artista, pois agora me entendo como tal, e também **mobilizou essa construção e desconstrução de arte e vida**.

Desejo que sejam ricas as reverberações e imbricações desse texto para quem se põe a pensar a questão: O quão importante seria um olhar mais atento, compreensivo em relação ao suicídio? Ainda mais referente aos além de mim, alunos do curso de Artes Visuais que durante meus anos de graduação efetivamente se suicidaram.

MISÉRIA

Hoje é tarde para os desejos,
e nem me interessa mais nada...
Cheguei muito depois do tempo
Em que se pode ouvir dizer: “Oh! minha amada...”

O mar imóvel dos teus olhos
Pode estar bem perto, e defronte.
Mas nem navegam as horas
nem se cuida mais de horizontes.

Durmo com a noite nos meus braços,
sofrendo pelo mundo inteiro.
O suspiro que em mim resalva
bem pode ser, a cada instante, o derradeiro.

Morrer é uma coisa tão fácil
que todas as manhãs me admiro
de ter o sono conservado
fidelidade ao meu suspiro.

E pergunto: Quem é que manda
mais do que eu sobre minha vida?
Neste mar de só desencanto,
que sereia murmura uma canção desconhecida?

E em meus ouvidos indiferentes,
alheios a qualquer vontade,
que rostos vão reconhecendo
os passeios da eternidade?

Perto do meu corpo estendido,
náufrago inerte de sombras e ares,
quem chegará, desmanchando secretos níveis?
Serás tu? – para me levares...”

(Vejo a lágrima que escorre
por cima da minha pena.
Ai! a pergunta é sempre enorme,
e a resposta, tão pequena...)

(MEIRELES, 1982, p. 134)

Bibliografia

ACTION Painting. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo350/action-painting>>. Acesso em: 03 de Jun. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. v.3. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1996, 115 p.

MEIRELES, Cecília. *Viagem e Vaga Música*. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1982.

FABIÃO, Eleonora. *Performance e precariedade*. In: OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de (org.). *A performance ensaiada: Ensaaios sobre performance contemporânea*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

_____. *Programa Performativo: o corpo-em-experiência*. Revista Ilinx, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n. 4, p. 1-11, dez. 2013.

GRUPO GUTAI. In: Artigos de apoio Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-07-04 02:47:44]. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$grupo-gutai](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$grupo-gutai)>. Acesso em: 03 de Jun. 2018.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

SERRA, Joaquim Mateus Paulo. *O suicídio considerado como uma das Belas Artes*. Corvilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

Aponto dentro desta carta escrita em diário no dia em que tentei suicídio palavras que atravessam e permeiam o pensamento criador dessa pesquisa e de meus trabalhos em performance.

09/ Agosto / 2016

22:19

Eu pensei diversas vezes em escrever algo neste caderno, mas como tudo que faço simplesmente procrastinei, nunca encontrava o momento certo, mas hoje parece fazer sentido.

Sempre tive sonhos e nunca cheguei perto de alcançá-los, as pessoas dizem que é porque sou acomodada, preguiçosa, mas eu sempre tentei, só que por algum motivo a vida sempre me traz sentimentos e sensações de que não sou capaz ou não estou preparada para alcançá-los. Perdi, aos poucos, qualquer confiança, em mim mesma, nas pessoas que me rodeiam, não acredito em mim, e ninguém acredita também. Nunca me senti inteligente e suficiente, madura ou sensata e suficiente, sempre tive os pés fora do chão, e de uns anos pra cá isso só tem aumentado. Evolui, melhorei, sempre precisei de ajuda para isso, achava até pouco tempo que realmente sabia eu tinha sim alcançado alguns amadurecimentos, que eu tinha virtudes, mas as pessoas a minha volta estão me mostrando uma face minha que agora me faz crer que na realidade eu só fiz o mínimo do possível.

Todos a minha volta evoluem, conseguem chegar onde querem, conquistar a felicidade e o amor, e vivem com intensidade e grande duração, de alguns anos pra cá eu vivo experiências de alegria e amor, elas vem como uma onda gigantesca de paz e prazer, me sinto completa e esperançosa, mas ela logo se vai, e destrói o pouco que eu já conseguia acreditar em mim. Faço cotidianamente um tremendo esforço para não ser o que as vezes sou, imagine lutar todos os dias contra si mesmo, todos os dias fazer sonhos e momentos depois desfazê-los. Sei que muitos fazem isso, mas a frequência com que eu faço já ultrapassou a insanidade.

Não acredito que seja por falta de amor, mas as quedas têm sido cada vez mais abruptas e eu não tenho mais fé logo ou perseverança, quando chego perto e caio de novo no poço eu começo cada vez mais fundo, como se perdesse os degraus que já havia conseguido construir.

Tenho 25 anos e muito mais oportunidade e ajuda do que muitas pessoas, eu tenho conhecimento disso, mas justamente por essas possibilidades e por já me explicarem que a culpa de eu ainda estar como estou é minha eu não consigo mais acreditar que

isso algum dia irá mudar. A sensação é que eu não tenho capacidade de e que para o resto da minha vida eu vou viver sempre as mesmas paradas, só mudarem as pessoas e os lugares.

Tive a chance de sentir as coisas mais lindas, e conviver com pessoas lindas, mas quando não se sente alguém tão inútil, descartável, desprezível, uma pessoa que falha tanto, que se destrói e destrói os outros ao seu redor, não é possível aguentar. Eu não aguento mais me perder, me encontrar, me perder de novo, na realidade acho que nunca me encontrei de verdade, só me iludi com minhas excusas. Eu definitivamente sou um lixo de pessoa, eu não quero mais estar aqui, estou presa em um círculo vicioso e diante do qual não consigo sair. Faço escolhas erradas, dou passos cada vez mais errados. Não existe mais motivos para tentar.

Desde muito nova me sentia diferente, mas quando um pouco mais velha acreditei que isso seria bom pra mim, que eu era especial, hoje não vejo mais nada disso, sou indesejada perto dos outros, qualquer um é mais interessante, inteligente, feliz consigo mesmo do que eu. É como se com os anos a confiança em mim mesma fosse morrendo e essa confiança quando se perde parece que nunca mais vai voltar sem a ajuda de outra pessoa. Ninguém mais aguenta me ajudar, o que sempre exato é "loda pra henti" "o mundo não para pra que você se recomponha", "tenha amor pela sua vida e por aqueles que te amam", pois bem, nada disso ajuda mais, nem 1%, antigamente fazia sentido, hoje em dia não faz mais. Eu só não aguento mais.

Cheguei de novo ao fundo do poço, não quero mais tentar escalar-lo. Eu amo tudo de bom e bonito que sinto, que já fiz por quem amei, mas o que existe de ruim é inútil me para, eu não tenho mais forças pra carregar isso, não de novo, não mais uma vez. Eu ainda tenho tanto sonhos, tanto amor pra dar e isso não vale de nada pra ninguém. Minha vida é só mais uma na multidão, eu não tenho uma história, eu só tenho medos e decepções.

"Seja mulher, pare de drama! Pare de chamar a atenção! Quer se matar, faça de uma vez." Eu já desejo a morte e já desejei inúmeras vezes, nunca me faltou a vontade, nos dois últimos anos só me faltou a coragem, sempre a coragem. É terrível quando

você reconhece e almeja algo tão intensamente e sabe que aquilo só depende de você, nada mais, só de você, e simplesmente o que te segura é o medo, a falta de coragem. É o meu medo nem é do arrependimento, mais sim da dor, já estou sentindo tão profundamente essa dor, não queria que essa decisão me causasse ainda mais dor, no momento de partir.

Não quero mais provar nada pra ninguém, eu sei o que sou, amo intensamente, eternamente, dou tudo de mim aos outros, sou sensível e fraca, me desmotivo fácil, me desaponto e perco a vontade de continuar, ^{mas tb} eu SOU alguém que tem coisas boas e que quer ser melhor a cada dia! Eu não aguento mais ser tão criticada duramente, questionada, ofendida, atacada, eu não mereço isso, eu não quero passar a minha vida tendo que me moldar aos outros sempre. Se não sou suficiente a ninguém nem a mim mesma não sou necessária nesse mundo.

10/ Agosto / 2016

00:40

Está tudo pronto mas eu nunca pensei que seria tão difícil ter minha própria vida, eu tenho todos os motivos que preciso, mas estou morrendo de medo da dor. Eu só queria mais uma chance, mas ninguém está nem aí, eu só vivo que eu queria uma última chance. Eu implorei, mas ele não me deu, disse que só eu nascendo de novo. Nunca sonhei em ouvir quem você mais ama no mundo te dizendo que não aguenta mais você, que ninguém aguenta, que você não o merece, que da sua boca só sai lixo, que estar ficando longe de você é a maior dádiva que ele pode ter, que está se libertando de um inferno, e que pra estar com ~~essa~~ esta pessoa que você mais ama em toda sua vida você "você precisa nascer de novo e viver mais alguns anos." Eu sou uma grande merda de ser vivo pra alguém falar isso com tanta convicção e nem mesmo se desculpar.

1:14

Ainda não consegui, sou tão inútil que nem se quer consigo fazer isso. Não sei porque achei importante escrever sobre meus pais, caso eu consiga mesmo fazer o que quero. Sempre amei demais minha família,

[REDACTED]

Eu o amo demais, incondicionalmente, mas não confio muito, não confio em ninguém na verdade...

3:20

Nunca me senti tão inútil, não consigo... não consigo dar um fim nisso tudo, os problemas não saem da minha cabeça, eu só penso quantos vezes já fui descartada de um relacionamento, o quanto fui inútil nos últimos anos de faculdade ao ponto de chegar até aqui sem uma ideia técnica ou inspiração, nada, pensar também o quanto não consigo enfrentar os problemas ou lidar com a rejeição, estou fria por dentro, morta. Depois que o [REDACTED] surgiu na minha vida as coisas começaram a fazer sentido,

[REDACTED]

[REDACTED] Não consigo soltar meus sonhos

com ele, não consigo me conformar que depois de sofrer tantos meses com a distância, de saber que ele poderia até estar em outro continente na verdade estará aqui nos próximos meses e a certeza do amor imensurável que sinto por ele é diretamente proporcional a certeza que ele tem de não querer mais ser meu companheiro.

[REDACTED]

[REDACTED] Não estou preparada pra viver isso mais uma vez, tenho vontade de sumir daqui, ir pra bem longe onde ninguém me conhece e assim não tenha como me julgar. Durante esses quase 5 anos aqui vivi experiências de rejeição 2 vezes, e só eu sei o quanto foi duro conviver com essas pessoas depois, até hoje não é natural ou fácil, [REDACTED]

[REDACTED]

Não me importo com que os outros digam ou me notulem, eu sinto internamente e muitas das vezes não tenho controle, eu não vou conseguir controlar essa dor; e eu sei disso, sempre foi difícil, mas dessa vez eu não tenho condições de suportar. [REDACTED]

[REDACTED]

Já que não fui capaz, nem mesmo de dar um fim na minha própria vida, sem a sensação de acordar ainda hoje mais tarde como se não houvesse um chão pra pisar. Não estou pensando direito, não consigo organizar uma idéia se quer. Tanta coisa foi por água abaixo, não gosto da minha companhia, só consigo parecer e me sentir mais agradável com a companhia de alguém nesse momento, na verdade nem assim, qualquer um que seja irá me julgar, me contestar, me diminuir ou sentir pena. Acordar e não saber pra onde ir, não se encontrar, não se encorajar ou motivar, não tenho prazer pra nada, pra cozinhar, pra me vestir, pra me alimentar, só estou com o mínimo de vontade pra escrever pois não tenho com quem conversar, com quem conversar sobre tudo isso que nem eu sei explicar, ninguém gostaria de ouvir tudo isso, nem mesmo entenderia.

Hoje sentirei vergonha e raiva de mim mesma quando acordar. Quero sumir do mapa, é só esse desejo, já está claro o quão inútil e fraca e covarde eu consigo ser, eu não mereço conviver comigo mesma, ninguém merece. Estou presa dentro de mim mesma, junto com minhas lembranças, com o ódio de mim, com o amor abundo, com a rejeição pela terceira vez, com os sonhos congelados e destruídos, com a saudade, com uma maldita vontade e esperança dele me dar uma última chance, e óbvio, com a imensa burrice de ainda ter essa esperança. Dessa vez eu definitivamente não aguento ficar encarcerada dentro de mim com tudo isso, a morte é uma libertação, isso muitos sabem, e eu só quero me libertar de tudo isso, não terei a chance de ser alguém, sou uma peça morta, quem sabe não estarem certos, eu "nasceria" de novo em outra oportunidade, se é que isso exista, talvez eu venha como alguém mais decente.

É super triste perder a confiança em você mesmo... dói, dói achar que você é alguém bom, em acreditar em si mesmo, em ver aqui e ali algo que se arma em você, e de repente você ser alvo de alguém que vive com você a algum tempo e dizer "a culpa de você estar nessa merda é toda sua", "ninguém te aguenta mais", "qualquer uma das minhas antigas namoradas é mais decente do que você", "você vai acabar ficando sozinho", "manipuladora!", "se mova, faça algo, saia!". Chega. Eu era capaz de conseguir alcançar meus desejos, de ser feliz e me empenhar e de fazer todos a minha volta felizes, principalmente meu amor, mas agora não me sinto mais capaz, não aguento mais nada disso, se não sou nada do que esperam por não me darem chance pois eu estava tentando, então

prefiro não ser nada. Todos apontam um lado horrendo meu, perverso, nojentos, então se não me dão chance pra mudar, porque não me deixaram acabar logo com isso, vai ser melhor pra todo mundo. Só preciso de coragem, nem acredito no quanto vai impossível...

12:57

Como previsto eu acendi ainda me sentindo um lixo, não consigo colocar ordem na minha vida, no meu dia, só quero ficar sozinha, na verdade já estou. Não tenho nem mais vontade de de viver. Vou sair e ver o que faço, nunca me senti tão vazia, nunca. Eu só precisava de ajuda e de amor, compreensão. Não sei pra onde ir nem o que fazer. Sou uma vergonha de pessoa.